

ANAIS DA I JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE
PARINTINS PARINTINS
2016

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da I Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>

<facebook.com/latinitates>

Arte da capa: Thiago Godinho

ISBN: 978-85-7883-432-6

E-ISBN: 978-85-7883-431-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2016

A prospectiva de Santo Agostinho *no De Excidio Urbis* e Sermão 81 e ascensão da Europa na Idade Média

Eduardo Esteves de Macedo (UEA)
(Orientador) Weberson Fernandes Grizoste (UEA)

Resumo: Este artigo faz uma análise do sermão *De Excidio Urbis* e Sermão 81 de Santo Agostinho sobre o declínio de Roma após o ano 400 d. C. O trabalho enfatiza os dois pontos de vista acerca do Império Romano: a perspectiva dos fatos históricos e o ponto de vista e interpretação de Santo Agostinho em seus sermões. Ainda é ressaltado uma relação histórica da queda de Roma com o alvorecer da Idade Média e a formação da Europa. Para isso, este trabalho conta com arcabouço de diferentes autores a fim de dar reforço em seu decorrer.

Palavras-chave: Análise, sermão, Agostinho, Declínio, Roma, Idade Média, Europa.

Introdução

No tempo de Santo Agostinho, Roma passava por processos transformacionais desencadeados por uma série de fatores ideológicos, geográficos, poéticos e culturais. Para Agostinho o declínio de Roma era consequência dos atos dos romanos que não correspondiam às medidas de Deus, fazendo com que Roma necessitasse de uma punição e posteriormente uma renovação. Santo Agostinho atentava para o comportamento social humano de acordo com as medidas de Deus (AGOSTINHO, 2010, p. 50, s. 5.5.) que se remetiam contra a forma de cometer escândalos.

Agostinho questiona também a fundação de cidade de Roma que foi erguida sob a ideologia de deuses caídos de Tróia. Com a chegada do cristianismo, Roma se desprende da vida cívica de rituais antigos e abraçou a ideologia cristã se deparando então com uma nova aliança ideológica e política (URBANO, 2010, p. 16). Os sermões de Santo Agostinha também tinham a finalidade de livrar os cristão da culpa pela queda da cidade (BARROS, p.17), uma vez que foi durante a proliferação do cristianismo que o império e a cidade tiveram seu fim. O resultado destas tensões resultaram no surgimento da Europa Medial.

A Perspectiva de Santo Agostinho sobre a queda de Roma

Durante tais eventos Roma era considerada o centro do império romano e recebia migração de diversos povos nmeados de bárbaros. A tensão no império romano devido ao choque de culturas e ideologias proporcionaram a sua desfragmentação (BARROS, 2012, p. 16) e Santo Agostinho em sua época era um expectador do declínio de Roma e seu império em decadência. A cidade apresentava uma gama elevada de povos oriundos de outras áreas geográficas, culturais e ideológicas o que era considerado um perigo (URBANO, 2010, p. 16-17). Em 418, Estilicão, tutor do imperador Honório e de origem bárbara, foi executado por traição, o que causou instabilidade na cidade e permitiu o seu saque, humilhação e incêndio (URBANO, 2008, p. 216). Desta forma entende-se que numa perspectiva histórica Roma possuía dois inimigos determinantes de sua queda: a crise da situação política e a miscigenação de povos.

Para Santo Agostinho (2010, p. 52-53, s. 6.6.), estas ocorrências na cidade não representavam algo como sua destruição, mas sim sua punição. Para isso, é importante frisar o jogo de palavras *destruir* e *poupar* utilizada por ele para esclarecer os fatos, esse jogo de palavras expunham oposições que mostravam aspectos severos de Deus em contrapartida a sua misericórdia e amor à sua criação (SANTO, 2005, p. 255). Roma, segundo Agostinho, é os seus cidadãos e não a cidade em si (AGOSTINHO, 2010, p. 53, s. 6.6.). Portanto, Deus poupou Roma da destruição porque por amor deu a chance da sobrevivência para seu povo. Nesta perspectiva, Roma não corresponde a um espaço físico e sim um espaço social político. Esta implicância estende-se do *De Excidio Urbis* até ao Sermão 81, onde ele livra o povo cristão das acusações pagãs da queda de Roma e incita o clamor a Deus:

Ora, dizem por aí que foi nesses tempos cristãos que Roma caiu. Mas talvez Roma não tenha caído. Talvez tenha sido castigada em vez de aniquilada, talvez emendada em vez de destruída. Talvez Roma não morra se os romanos não morrerem. E na verdade não morrerão se louvarem a Deus. (AGOSTINHO, 2010, p. 79, s. 81.9)

Neste âmbito, Santo Agostinho distingue o que era Roma: construções físicas ou cidadãos e seus comportamentos. Se os cidadãos de Roma não tiverem um fim, necessariamente Roma não acabará. Agostinho, nesta passagem, enfatiza a ideia de que o clamor a Deus livra o povo romano da culpa. Além disso, a adoração as coisas terrestres feitas por Deus representa blasfêmia contra a divindade cristã, ocasionando assim o escândalo e, por conseguinte, seu castigo (AGOSTINHO, 2010, p. 76-77, s. 81.7.). Vale frisar que no Sermão 81, Santo Agostinho (p. 76, s. 81.7) releva o escândalo também sendo como amor às coisas terrenas, tratando-se, portanto, de um valor além do religioso, mas também ético (SANTO, 2005, p. 261). Sendo assim, deve-se observar que o povo romano deveria ter cuidados com as coisas que amassem na terra para que não se prendessem ao mundo “Babilônico” e assim, libertando-se dos valores mundanos, apropriando-se do Amor divino e alcançando a redenção (SANTO, 2005, p. 259-260).

O sermão *De Excidio Vrbs* representa mais uma profunda reflexão dos atos humanos de Agostinho para com os cristãos de Roma do que o conflito com os pagãos (URBANO, 2008, p. 218). Essas reflexões estendiam-se ao apego em demasia a “espécie de materialismo ético, que procura a felicidade na fruição de bens materiais” (SANTO, 2005, p. 263). Ou seja, uma questão evidente de um desequilíbrio de valores humanos na época. Estes valores remetiam ao que Santo Agostinho denominava a “essência do homem”. O bispo acreditava que a natureza humana só se revelara em profundo sofrimento, portanto, aquele que em sofrimento se revelava piedoso ou se corrigia alcançava a redenção e aqueles que eram ímpios, por sua vez, mereciam a condenação (AGOSTINHO, 2010, s. 9.9). O sofrimento, portanto, era uma forma de expor a essência humana.

No âmbito das relações existentes, a fim de apaziguar os povos, Santo Agostinho lança mão de três narrativas bíblicas sucintas para elucidar ao povo que o castigo era consequência de seus atos. As representações das figuras bíblicas eram uma contextualização elaborada por Agostinho no qual o povo pagão representava as difamações, escândalos e as adorações terrenas à cidade e seus objetos contra Deus; e o povo bíblico, isto é, os personagens e os cristãos, representavam o povo da Roma celestial. Vale ressaltar que o

sermão *De Excidio Urbis* e o Sermão 81 apresentam a oposição de palavras com sentidos diferentes. Essas palavras binômias são castigo/destruição, interior/exterior, passageiro/eterno etc.

Além dessa questão, está implicitamente posto nos dois sermões característica do amor divino sobre o amor terreno. Tal ocasião é posta como oposições sofridas pelo povo romano que os remetiam a Roma celestial e a Roma dos homens (Santo, 2005, p. 260). Ainda sobre a espécie de amor sobre o materialismo humano, Santos (2005, p. 263) explica que essa ocorrência “caba por descer de suas condições como seres espirituais e livres, tornando-se escravos de seres que lhes são inferiores”. Isto também é visível no Sermão 81.7, já que Santo Agostinho explica que amar o mundo é renegar o amor de Deus. No Sermão 81.8, Santo Agostinho reforça a ideia de que o mundo, de antemão, já foi destinado a ser destruído então para a lógica do Santo, não há porque amar algo condenado a destruição. Resta, portanto, a orientação ao povo romano de que se mantenham vigilantes e a recomendação aos pagãos que o fim de Roma, e conseqüentemente o fim do mundo não é culpa do cristianismo.

O *De Excidio Urbis Romae* e o Sermão 81 revelavam que a cidade de Roma não se tratava de uma cidade *invicta* e que tampouco era uma cidade protegida pelos deuses de Enéias, pois sofrera assolações que percorreram todos os seus pólos. No ponto de vista de Santo Agostinho, Roma como cidade fundada com apoio de deuses pagãos, também estava predestinada ao mesmo fim que Tróia teve:

Os deuses em que os Romanos puseram sua esperança, precisamente os deuses romanos, em que os Romanos puseram sua esperança, vieram de Tróia que consumia em chamas, para fundar Roma. Os deuses romanos foram primeiro deuses troianos. Ardeu Tróia e Enéias levou consigo os deuses fugitivos (Agostinho, s. 81.9).

Os romanos, segundo o bispo, depositaram esperança em deuses derrotados, logo Roma não se sustentaria e havia de cair. A esta altura, o próprio império romano já concentrava seu maior poderio acerca de Constantinopla, tornando Roma uma cidade que já não possuía grandes prestígios (URBANO, 2013, p. 229), sendo, portanto, passiva a fortes desventuras na parte ocidental do império. Santo Agostinho ainda deixa claro que mesmo que Roma se

“convertesse” e se tornasse cristã e difusora do Evangelho, esta ainda assim teria um fim inevitável por se tratar de uma obra humana (URBANO, 2015, p. 18-19), sendo assim:

Ora, se até o mundo que Deus criou há-de ter um fim! Mas nem mesmo o que o homem fez caiu, senão quando Deus quis, nem o que Deus criou acabou, senão quando Deus quis. Se a obra humana não cai senão por vontade de Deus, quando poderá cair a obra de Deus por vontade do homem? (AGOSTINHO, 2010, p. 79, s. 81.9)

Portanto, não seria uma consequência do cristianismo a queda de Roma, e sua eternidade nem seria consequência de deuses criados e adorados por homens. Até porque, em um grau comparativo, Santo Agostinho elucida a cidade de Constantinopla, onde a cidade se converteu pelo temor e por isso não foi destruída e o império do oriente não foi abalado, não sendo, portanto, um querer dos homens, mas sim de Deus.

A construção do *De Excidio Vrbis* e do Sermão 81, tratando-se de metáforas ou alusões da bíblia cristã, revela um caráter hermético de Santo Agostinho com seus remetentes. Para oliveira (2013, p. 242), esse caráter era transfigurado através de simbologia, retórica e outros campos da linguagem. Além disso, ainda segundo Oliveira (ibidem), a construção do *De Excidio Vrbis* seria moldado por uma intercessão ou clamor que serviria de atrativo para as reflexões cristãs através do discurso.

A Queda de Roma e o alvorecer da Idade Média na Europa

O declínio de Roma em meado dos anos 400 d. C., abriu espaço para novas ocorrências no império romano. Para Barros (2012) Roma sucumbiu a uma era transformacional intitulada pela História como Idade Média que já possuía novas estruturas em decorrência daquelas usadas pelo império.

Iniciamos a partir da ruptura do império romano fragmentado em duas partes: império do ocidente de Roma e império do oriente de Constantinopla. De acordo com Dias (2009, p. 315) a queda do ocidente sediado em Roma ocasionou o estabelecimento de uma nova estabilidade social intitulada “nações européias” que já

embarcavam uma gama elevada de culturas fundidas. Neste âmbito, mais tarde, a igreja passou a ser a governanta no ocidente.

De acordo com Urbano (2012, p. 231) Agostinho presenciou o declínio total de Roma e suas ramificações que forma interpretadas como um “apocalipse cristão” o que na verdade correspondia a transformação territorial e política. Este pensamento, de acordo com Dias (2009, p. 320-321), evoca Roma novamente como reerguida, transformada em uma cidade que sediaría um novo império na Europa, unificado por razões ideológicas.

Para se chegar a esse quadro descrito, Roma necessitou de profundas rupturas, o que na interpretação de Santo Agostinho é um “apocalipse” (Urbano, 2013, p. 231), haja visto que a cidade foi incendiada, massacrada e houveram muitos mortos. Historicamente Roma declinou no tempo de sementeira e expansão e fixação da ideologia cristã, talvez por isso a extrema necessidade de uma rápida resposta para o que estava acontecendo. Diferente de outras perspectivas e interpretações sobre a queda da cidade, Santo Agostinho tinha uma mais particular, voltada às escrituras proféticas bíblicas e ao apelo emocional, porém a historia revela que a Antiguidade e a Idade Média tardia no ocidente exigiam drásticas mudanças para a formação do Ocidente Moderno (Barros, 2012, p. 09).

O novo Reino Europeu cristão em contraposição ao Império Bizantino pode ser visto como o antigo Império Romano fragmentado, configurando-se pela nova realidade civilizacional que firmou o período medieval. Essa nova imagem era concebida porque, de acordo com Dias (2009, p. 318), Roma serviu como a gênese de todos os fatos ocorridos, sendo assim, remetida a construção da Idade Média e da Europa por meio do declínio daquela que era uma das principais cidades-capital do império.

O declínio da cidade de Roma e respectivamente do Império do Ocidente, de acordo com Barros (2012, p. 10 *apud* Piganiol 1972, p. 466), não ocorreu como uma queda natural com crises de ideologias, militarismo e culturas mesmo que essas características criassem tensões dentro do quadro romano, mas com o avanço de povos bárbaros sobre a cidade. A expansão do Império Romano estendeu-se por quase toda a atual Europa, e vinculado a crises políticas e ao domínio de várias capitais, o império fragmentou-se

causando sua instabilidade. A primeira cidade a cair foi justamente Roma que estava situada na parte mais vulnerável a invasões. Com a perda parcial do ocidente, o império do oriente reagiu criando a Província da Itália que era pertencente ao imperador de Constantinopla a fim de restaurar a ordem entre os romanos (Dias, 2009, p. 324). Historicamente a Província da Itália suportou a turbulência histórica levando o legado Romano à emergente Europa atual.

A instauração da Igreja Católica na Itália unificada com o império romano possibilitou a instituição religiosa o domínio sobre o Ocidente através da deposição do imperador Rômulo Augusto em 476 d. C., criando assim as primeiras conjecturas sobre a formação de vários reinos europeus (Barros, 2012, p. 75), assim elevando o império romano a outro patamar. É visível que a Igreja em união com o então decadente império do ocidente pudesse formular novas composições, desta forma dando novas feições ao domínio romano.

Considerações Finais

Roma e seu grandioso império sucumbiram às transcendências históricas e a Idade Média (DIAS, 2009, p. 321). E sob o olhar de um cristão e representante da igreja, a precariedade das coisas terrenas levou o povo da Roma antiga às consequências das virtudes que cultivavam. Neste âmbito, O *De Excidio Urbis* e o Sermão 81 nada mais são do que uma justificativa ou um conjunto de respostas e reflexões acerca do contexto em que se encontrava Santo Agostinho. A tensão política do império romano e a sua grande expansão impulsionaram a sua fragmentação e a parte mais vulnerável, isto é, a parte ocidental foi a que mais cedo mudou radicalmente a sua estrutura sendo mais receptiva às mudanças históricas por meio de uma decadência imposturada sobre ela.

Este trabalho concluiu que os sermões de Santo Agostinho e a historicidade de Roma estão intrinsecamente ligados a determinantes que influenciaram povos bárbaros, romanos e cristãos e que acarretaram ainda mais embates no início de uma nova era política, ideológica e social nomeada Europa.

Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, *Santo. De Excidio Urbis e outros Sermões sobre a Queda de Roma*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013
- BARROS, José d'Assunção. *Papas, Imperadores e Hereges na Idade Média*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- DIAS, Paula Barata, «Espaço e Fronteiras do Mundo Romano na Antiguidade Tardia. Continuidade e Rupturas em Relação à Europa Actual», OLIVEIRA, Francisco de; DIAS, Paula Barata (ogs.), *Espaços e Paisagens: antiguidade clássica e heranças contemporâneas. Vol. 2 Línguas e Literaturas. Idade Média. Renascimento. Recepção*, Coimbra, CECH, 2009, 313-325.
- SANTO, Arnaldo do Espírito, «Imagens do Amor em Santo Agostinho», OLIVEIRA, Francisco de, *Génese e Consolidação da Ideia de Europa*, vol. 3, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2005, 255-267.
- URBANO, Carlota Miranda, «Santo Agostinho e a queda de Roma» in OLIVEIRA, Francisco de, BRANDÃO, José Luís, MANTAS, Vasco Gil, SERRANO, Rosa Sanz (Orgs.), *A queda de Roma e o Alvorecer da Europa*, Imprensa Univ. de Coimbra, Univ.
- _____. *Santo Agostinho e o De excidio urbis Romae sermo1*. Editora Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia-Braga, 2006.